

DIFICULDADES ENCONTRADAS NA INCLUSÃO DE ESTUDANTES NEURO-ATÍPICOS NO AMBIENTE ESCOLAR: UM OLHAR A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS EM SALA DE AULA

Alindaiane Malaquias Gonzaga¹
Laelize Ketlin dos Santos²
Laíze Ariele dos Santos³
Maria Franciele Ferreira dos Santos⁴
Ana Cristina Conceição Santos⁵

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as dificuldades percebidas no ambiente escolar relacionadas ao processo de inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outras necessidades educacionais específicas. A análise parte das observações em sala de aula e dos registros reflexivos realizados por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, em uma escola municipal localizada na zona urbana de Delmiro Gouveia/AL.

Com base nas experiências vivenciadas, observou-se que a inclusão dos estudantes neuroatípicos às salas de referência tem despertado, entre os demais alunos, comportamentos de indiferença. Mesmo diante de um discurso amplamente difundido sobre respeito e inclusão — especialmente no que se refere ao autismo —, ainda há grandes dificuldades em promover o acolhimento efetivo desses estudantes, o que suscita importantes questionamentos.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio de neurodesenvolvimento caracterizado pelo desenvolvimento psiconeurológico atípico. Isso resulta não somente

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, alindaiane.gonzaga@delmiro.ufal.br;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, laelize.santos@delmiro.ufal.br;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, laize.santos@delmiro.ufal.br;

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, maria.santos5@delmiro.ufal.br;

⁵ Professora orientadora: doutora em Educação, Universidade Federal de Alagoas - UFAL, ana.santos1@delmiro.ufal.br.



em alterações físicas, mas também, em alterações funcionais do cérebro trazendo consequências para o desenvolvimento motor, cognitivo, da linguagem e socioemocional.

Nos últimos anos, houve avanços significativos no entendimento e tratamento do autismo, mas ainda existem muitos desafios a serem superados. Um dos avanços mais importantes foi a mudança de paradigma que passou a enxergar o autismo não como uma doença, mas sim como uma diferença neurobiológica. Devido o transtorno possuir variações neurológicas, pois nenhum autista é igual ao outro.

Diante disso, um dos desafios mais comuns encontrados no cenário da educação é a inclusão de alunos autistas sabendo que esses possuem uma enorme capacidade de desenvolvimento integral, cada um em seu nível de aprendizagem e interação. E no contexto escolar, as crenças referentes ao desenvolvimento de estudantes autistas parecem influenciar o processo de ensino-aprendizagem, o que são intituladas de “crenças educacionais”, e se caracterizam por ideias, julgamentos e valores com respeito de temas ligados à educação, na qual, se manifestam de forma consciente ou não, através das práticas dos educadores (SANINI; BOSA; 2015, p. 72).

Com isso, é fundamental que tanto os educadores como também toda a comunidade escolar desenvolva um olhar positivo e um senso de autoeficácia em relação ao trabalho com estudantes autistas, pois eles também possuem uma imensa capacidade de desenvolvimento. Isso inclui acreditar no potencial dessas crianças de aprender e se desenvolver, bem como na sua própria capacidade de colaborar para o ambiente escolar e social.

O fato de muitas das crianças típicas evitarem contato, participar do mesmo grupo, conversar ou brincar com crianças autistas, são exemplos reais da dificuldade de exercer essa inclusão tão discutida e propagada nos dias de hoje. Tendo em vista que, todo corpo docente deve buscar promover a conscientização, a empatia e a inclusão dos alunos autistas, incentivando o respeito às diferenças e a convivência harmoniosa na sala de aula. Durante os encontros na escola, enquanto pibidianas, foi observado a dinâmica social e comportamental de alguns alunos em relação aos colegas autistas, identificando atitudes preconceituosas e estratégias de exclusão nessa convivência.

Ao longo das atividades, alguns alunos demonstram preconceito ao reagir negativamente à aproximação de estudantes autistas, manifestam repulsa ou até mesmo indiferença. Frases como “sai daqui!”, “eu não quero fazer a atividade com ele(a) porque ele(a) é doido”, “fulano(a) é esquisito, não quero brincar com ele(a)”, “fulano(a) não sabe fazer essa atividade” são frequentemente ouvidas, tratando-se dessa relação dos



estudantes com os colegas autistas. Muitas vezes eram presenciados momentos em que alguns dos estudantes estavam utilizando a palavra “autista” como xingamento para ofender os demais colegas, e isso, logo após o período do mês de conscientização do Autismo. Isso sugere que a conscientização por si só não é suficiente para mudar o comportamento dos estudantes, faz-se necessário buscar outras estratégias de integração.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa adotou um enfoque metodológico baseado na observação analítica, buscando compreender de forma crítica as experiências vivenciadas em sala de aula durante as atividades desenvolvidas pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Nesse sentido, realizou-se uma análise crítica das práticas pedagógicas e das estratégias de inclusão implementadas no ambiente escolar, ao longo de um período aproximado de seis meses.

As observações foram sistematizadas e analisadas em três etapas correspondentes aos três bimestres letivos, de modo a permitir uma compreensão processual e evolutiva das ações inclusivas no cotidiano escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Entendendo que a simples presença do estudante não garante uma inclusão efetiva, mas apenas uma integração — como explica Mantoan (2003) —, a professora, como estratégia de intervenção, promoveu diálogos em sala de aula utilizando o filme *O melhor torcedor do mundo* (2023) como ponto de partida para discussões sobre respeito e inclusão.

Embora essas ações estejam em consonância com o que Mantoan (2003) aponta como uma mudança nos paradigmas escolares, ainda se faz necessária uma ampliação das práticas e estratégias pedagógicas que assegurem, de fato, a participação ativa desses estudantes no espaço escolar.

A inclusão não deve ser compreendida apenas como uma exigência legal, mas como um compromisso ético e humano com a equidade e a justiça social. Como afirma Cunha (2020), “incluir não é apenas um discurso ou práticas pontuais; incluir significa fazer parte de alguma coisa”



Assim, incluir é um processo contínuo, que requer paciência, aprendizado e envolvimento coletivo. Mais do que adaptar o espaço físico ou o currículo, é preciso transformar a cultura escolar, de modo que todos se sintam pertencentes e valorizados. Somente assim será possível consolidar uma educação verdadeiramente democrática e capaz de respeitar cada indivíduo em sua singularidade (OLIVEIRA, 2001).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo sobre a necessidade de inclusão surgiu a partir de observação e experiência em sala de aula e em outros espaços de atividade didática e escolar, como na aula de Educação Física realizada na quadra da escola cujo objetivo era desenvolver habilidades motoras do futebol (passe, chute, drible e trabalho em equipe). Foram observados dificuldade na inclusão de alunos do TEA que enfrentaram barreiras de interação, a saber: na escolha de times, durante a realização dos jogos e na participação coletiva eram deixados de lado e raramente recebiam a bola.

Quando os estudantes autistas recebiam a bola, era notório o sentimento de insatisfação dos demais colegas de classe pois achavam que eles não poderiam chutar a bola ou jogar de forma “normal” como esperavam, o que geralmente resultava no desentendimento entre os alunos e, conseqüentemente, na retirada dos alunos autistas do jogo.

Nas demais aulas a professora precisa insistir para que os demais estudantes aceitem os alunos autistas em suas equipes para fazer atividades pedagógicas, sendo assim esses discentes sofrem com a discriminação, pois mesmo quando inseridos nos grupos são vistos como incapazes de realizar as atividades de maneira satisfatória.

Foi observado uma melhora progressiva no decorrer dos três bimestres analisados, visto que, no início 95% dos estudantes demonstravam um retrocesso em relação à inclusão, no segundo bimestre houve um avanço, pois essa taxa caiu para 75% do público analisado, e no terceiro bimestre apenas 65% insistiam em manter tais comportamentos.

Essas observações mostraram que, apesar das tentativas de promover discussões e conversas sobre a importância do respeito e da inclusão, a mudança de comportamento da turma ainda é lenta e insuficiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A pluralidade é um aspecto significativo no contexto escolar. Compreender o que compõe esse universo tem representado uma série de desafios para docentes, bem como para os pais. A articulação entre educadores e família desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do educando autista e, somada às leis que asseguram o direito à educação de qualidade conforme seu perfil, proporciona-lhe experiências em cenários que extrapolam as fronteiras do lar.

Contudo, a análise das vivências observadas no âmbito do PIBID mostra que a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e de outros estudantes com necessidades educacionais específicas ainda é um grande desafio dentro das escolas. Apesar de a legislação brasileira garantir o direito de todos à educação e de muitas instituições já promoverem ações voltadas ao acolhimento e ao respeito à diversidade, o que se observa na prática é que a inclusão vai muito além de simplesmente colocar o aluno em sala de aula.

No cotidiano escolar, ainda são perceptíveis atitudes de indiferença, preconceito e exclusão. Muitas vezes, essas posturas não são intencionais, mas refletem a falta de preparo, de informação e de sensibilidade para lidar com as diferenças. Isso demonstra que o processo de inclusão não depende apenas de regras e políticas, mas também de uma profunda mudança na forma de compreender o outro e de se relacionar com ele.

Para que a inclusão seja realmente efetiva, é necessário repensar as relações interpessoais dentro da escola. O ambiente escolar deve ser um espaço de convivência, respeito e empatia, onde todos — professores, alunos, gestores e famílias — aprendam a valorizar a diversidade como parte essencial da experiência humana.

Palavras-chave: Autismo, Inclusão, Estudantes, Escola. Pibid.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Nathalia Ferreira da. Autismo, educação e inclusão: Avanços das Políticas Públicas Brasileiras dos Séculos XX e XXI. **Revista Femass**, n. 2, 2020.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 34, 8 de setembro de 2020.



SANINI, Cláudia; BOSA, Cleonice Alves. **Autismo e inclusão na educação infantil:** Crenças e autoeficácia da educadora. Editora Científica Digital, Guarujá-SP, 1ª edição, p. 72-89, 2015.

